



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIOGRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

**GT: CURRÍCULO CRÍTICO E EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: RELATOS DE
EXPERIÊNCIAS SOBRE FORMAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA**

**O TRABALHO NO PIBID COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: A
LUDICIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Autora: Maria Aline Pereira da Costa, graduanda de Pedagogia, UFC.
Coautoras: Germana Beatriz Barros Liberato, graduanda de Pedagogia, UFC.
Marcela Gadelha Feijão, graduanda de Pedagogia, UFC.
Jéssica de Castro Barbosa, graduanda de Pedagogia, UFC.
Orientadora: Maria José Albuquerque da Silva, Professora Adjunta, UFC.

INTRODUÇÃO

A ludicidade é tema em destaque no cenário nacional nas discussões voltadas para práticas pedagógicas, especialmente na Educação Infantil, por ser o brinquedo a essência da infância e a sua utilização permitir um trabalho pedagógico que possibilita a aquisição de conhecimentos, de aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo e social da criança. Segundo Corsino (2009) as brincadeiras são elementos importantes para o desenvolvimento da criança em sua trajetória escolar, pois:

A brincadeira infantil constitui-se numa atividade em que as crianças sozinhas ou em grupo procuram compreender o mundo e as ações humanas, devendo ser concebida no cotidiano uma proposta educativa para as crianças pequenas, como inerente ao processo de construção de conhecimento, de comunicação, de troca e experiência de cultura. (*apud* GEBIEN, 2001, p. 11)

Compreende-se deste excerto que a brincadeira é fator importante para a formação da criança, ao passo que propicia a vivência de situações em sociedade e amplia a capacidade da mesma de interagir com esse universo. Para Corsino (*apud* GEBIEN, 2011, p. 11) “garantir a brincadeira nos espaços escolares possibilita dar voz as crianças, deixar elas expressarem seus sentimentos, suas opiniões, seus gostos e suas formas de ver e pensar o mundo”. Isto significa que o brincar assume um papel importante na construção de uma aprendizagem



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

significativa para os sujeitos enquanto crianças em processo de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, em conformidade com a Declaração Mundial de Educação para Todos – documento elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em Jomtien, na Tailândia, em 1990 – determina que para a Educação Infantil deve-se considerar o brincar como um dos elementos no processo de ensino aprendizagem, dentro das dimensões de cuidar e educar a criança.

Com a lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, a idade de ingresso ao Ensino Fundamental passa a ser a partir de seis anos, ampliando o nº de séries para nove anos. Observa-se com isso, que as crianças estão no processo de transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Desta forma, faz-se importante frisar que houve a antecipação dessa fase escolar para as crianças, porém, suas características intrínsecas à infância continuam as mesmas. A infância compreende tanto a Educação Infantil quanto o Ensino Fundamental I, uma vez que envolve crianças de zero a dez anos de idade. Assim, salientamos que se deve considerá-las não somente como estudantes, mas, principalmente, “sua dimensão cultural, como conhecimento, arte e vida e não só como algo instrucional, que visa a ensinar coisas”. (KRAMER, 2007, p. 20)

Todavia, percebemos que quando a criança é inserida no Ensino Fundamental, gradativamente, as ações lúdicas vão sendo reduzidas e nos últimos anos desse nível de ensino elas se tornam cada vez mais raras, restringindo-se somente a atividades de educação física de forma instrumentalizada, visando o exercício pelo exercício, muitas vezes, mais usado para ocupar o tempo na escola, sem o fim educativo e pedagógico.

Desta forma, é notório o uso limitado do elemento lúdico em séries finais do Ensino Fundamental I, tais como o 4º e 5º ano. Isto porque, após ingressar nesse nível de ensino algumas prioridades inerentes à infância são deixadas de lado, entre elas, o brincar.

Partindo desta problemática, o presente artigo, refere-se a uma pesquisa realizada com alunos e professores do 4º e 5º ano do ensino fundamental I em uma escola pública de Fortaleza - CE com bolsistas do subprojeto de Pedagogia, da Universidade Federal do Ceará



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDE DOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

(UFC), do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Pretendemos analisar a importância da ludicidade na construção de uma aprendizagem significativa a partir das nossas experiências vivenciadas em campo, pautadas em atividades lúdicas, juntamente com embasamento teórico de estudiosos dessa temática, tais como: Vygotsky (1998), Oliveira (2000), Gebien (2011), e Silvestre, Ferreira e Araújo (2000).

Assim, objetivamos com este estudo desmistificar o papel do 'brincar' como ferramenta educativa somente na educação infantil e mostrar que é possível também utilizá-la no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I. Além de analisar a relação do lúdico como facilitador na prática de docente na construção de uma aprendizagem significativa para esses sujeitos.

O ENSINO FUNDAMENTAL NO BRASIL E O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA SIGNIFICATIVA: UMA CONCEPÇÃO METODOLÓGICA EM AÇÃO NA ESCOLA

Para atribuir significado às ações que temos desenvolvido como bolsistas na escola, sentimos necessidade de compreender como se estrutura e se organiza o atual Ensino Fundamental no Brasil, bem como se situa o brincar como estratégia pedagógica significativa, da qual nos apropriamos para efetivar metodologicamente nossa atuação na escola, sobretudo, nas salas de aula em que estamos lotadas.

O Ensino Fundamental abrange nove anos de duração e atende, obrigatoriamente, crianças a partir de seis anos completos ou a completar no início do ano letivo, como estabelece a Resolução CNE/CEB/ nº 3/2005, de agosto de 2005.

Com a lei nº 11.274/2006 aprovada, um maior contingente de crianças foi incluído ao sistema educacional brasileiro, em especial as pertencentes aos setores populares, visto que as crianças com seis anos de idade das camadas média e alta já tinham acesso, em sua maioria, à pré-escola ou ao ensino fundamental. Vale salientar que, conforme o MEC (2007) a alteração para o Ensino Fundamental de nove anos não se configura meramente numa mudança administrativa. É importante considerar o processo de desenvolvimento e



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

aprendizagem das crianças. Isto é, deve-se conhecer e respeitar as características etárias, sociais, psicológicas e cognitivas dos alunos.

O Ensino Fundamental de nove anos é dividido, na prática, em dois ciclos: Ensino Fundamental I que inclui os cinco primeiros anos escolares – do 1º ao 5º ano; e Ensino Fundamental II, que corresponde aos quatro anos finais – do 6º ao 9º ano. Com essa divisão, infere-se que nos primeiros anos as práticas pedagógicas são desenvolvidas permeadas por atividades lúdicas, jogos, leituras com as crianças e adolescentes, buscando conduzir esses sujeitos ao conhecimento do mundo pessoal, familiar e social. Já nos últimos anos do Ensino Fundamental, os alunos são instigados a aprofundarem os conhecimentos adquiridos na primeira etapa e são iniciados nos estudos de matérias importantes para o ingresso no Ensino Médio.

Na prática, no entanto, não era isso que vinha acontecendo, pois a ludicidade andava meio distante das escolas e das salas de aula do 1º ao 5º ano, conforme constatamos nas três escolas em que o subprojeto de Pedagogia vem atuando no PIBID, mais especificamente, a partir do ano letivo de 2014. Independentemente disso, embora sabendo de seu pouco uso no Ensino Fundamental I, e cientes do inegável papel e contribuição da ludicidade no âmbito da educação de crianças e pré-adolescentes, arregaçamos as mangas e fomos à campo efetivar essas ideias. Para isso, lançamos mão de atividades, tais como: avental para contação de histórias, narrativa a partir de imagens ilustrando cada cena, jograis, leituras coletivas seguidas de debates sobre o tema e uso de músicas e cantigas de roda.

Concordamos com Harres (2001) quando afirma que as ações do brincar representam um fator importante no processo de socialização da criança, pois é por meio da brincadeira que o indivíduo se torna apto para viver em sociedade e num mundo culturalmente simbólico. Para ele, o lúdico influencia tanto o intelecto quanto o emocional e o corpo da criança, configurando-se como o mais completo dos processos educativos. A brincadeira pode proporcionar aprendizado, bem como permite que a criança extravase suas energias, que reflita sobre seu lugar no mundo, estimulando sua criatividade e contribuindo para seu desenvolvimento.

Em nossas atividades na escola, percebemos claramente que o brincar



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIOGRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

desempenha uma posição social que está intimamente ligada à cultura e às condições de vida dos sujeitos que brincam. De acordo com Brougère (2008, *apud* SILVESTRE, FERREIRA e ARAÚJO, 2010, p. 288) “toda a sociedade é formada por uma cultura que dispõe de diversas imagens, representações, símbolos e significados expressivos dentro de um espaço social”. Dentre essas diversas formas estão a brincadeira e, através dela, o indivíduo se apropria de sua cultura e sociedade, expressando-se e criando novas produções.

Estamos estudando Vygostky (1998) nos momentos de encontro para socialização e planejamento das atividades, e nos chama a atenção a sua visão de que o ato de brincar é elemento favorecedor da criação da zona de desenvolvimento proximal, visto que ao brincar a criança transcende o comportamento comum de sua faixa etária e realidade cotidiana, e vivencia novas experiências e formas de ver e pensar o mundo. Isto ocorre porque a brincadeira possibilita alguns processos psicológicos e estimula outros em desenvolvimento.

Frisamos a nossa compreensão de que as atividades lúdicas não se restringem a jogos e brincadeiras, mas também a situações que promovam prazer e integração entre os sujeitos envolvidos. Destacamos ainda, para que ela seja possível, não necessariamente necessitamos de um objeto em si como o brinquedo ou os jogos, mas sim do comportamento do educador no que se refere à sua sensibilidade, envolvimento e afetividade com seus alunos. Salientamos ainda que o brincar não deve ser visto apenas como um passatempo, por mais que a prática mostre que comumente isso é visto na escola. Por meio do lúdico observamos que o aluno internaliza muito mais do que somente conteúdos ou conhecimentos acerca de um determinado assunto, ele modifica suas concepções, ou melhor, apropria-se delas de uma forma mais aberta à socialização de ideias com outros.

Se aprender de forma lúdica é considerado primordial na escola, é porque isso representa uma estratégia pedagógica para o crescimento dos alunos, de forma interessante e significativa. Aliás, a aprendizagem significativa é o ponto central da teoria de David Ausubel (1918-2008) sobre a aprendizagem. Ela propõe a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, construindo estruturas mentais que possibilitem os indivíduos a redescobrirem outros conhecimentos de forma prazerosa e eficaz. Para que isso ocorra é preciso antes que os alunos estejam dispostos a aprender. Isto é, se o ensino for repassado de forma arbitrária a



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

aprendizagem será meramente mecânica. Então, pressupõe-se a necessidade de significação do conteúdo trabalhado em sala. (PELIZZARI, 2001).

Nesse sentido, vale ressaltar dois significados diferentes a serem considerados pelo educador no processo de ensino aprendizagem. Primeiramente, o lógico que dependerá, segundo os conceitos Ausubel (*apud* PELIZZARI, 2001), da natureza do conteúdo. O segundo diz respeito ao psicológico que, neste caso, está ligado a experiência individual de cada sujeito.

De acordo com Pelizzari (2001, p. 38) para Ausubel, “os indivíduos apresentam uma organização cognitiva interna baseada em conhecimentos de caráter conceitual”. Mas, a complexidade dependerá da relação estabelecida entre essas ideias conceituais, de forma hierárquica e de acordo com nível de abstração e de generalização de cada uma delas. Depreende-se com isso, que no que compete à educação, a aprendizagem significativa corresponde à aquisição de determinados conhecimentos que só são possíveis mediante a significação social que esses conceitos representam para o sujeito aprendiz.

METODOLOGIA

Tendo ampliado nossa visão acerca do ensino fundamental e do brincar na formação das crianças, nos colocamos como pesquisadoras do fazer docente nas salas de aulas em que atuamos, levando em conta que, segundo Valladares (2007, p. 2):

[...] a observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado.

Pretendemos, desta forma, nos familiarizar com a temática em questão, objetivando o aprimoramento de ideias e de nossas ações. Assim, tendo em mãos um caderno de campo para os devidos registros das observações realizadas, visando identificar e descrever as atividades educativas desenvolvidas de forma “lúdica” pelas professoras em suas salas,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

bem como por nós enquanto bolsistas PIBIDIANAS e estudantes de Pedagogia da UFC.

Além disso, o caráter qualitativo de nosso estudo é constituído por um questionário aberto, com o intuito de caracterizar e conceituar a ludicidade para esse grupo específico de crianças a partir da perspectiva de seus professores. Esse método permite uma compreensão mais clara da visão desses sujeitos sobre o tema, proporcionando informações importantes para a construção e/ou redimensionamento do lúdico dentro do campo pedagógico. A população amostral abrange três turmas do Ensino fundamental I de uma escola da rede municipal de Fortaleza, sendo uma de 4º e as demais 5º ano, e suas respectivas professoras.

RESULTADOS

As informações coletadas por meio da observação participante e registradas no caderno de campo possibilitaram identificar com que fins as professoras das turmas pesquisadas utilizam o lúdico. Em sua maioria, percebemos um caráter meramente de instrumentalização nas atividades propostas. Majoritariamente, após uma contação de histórias ou jogos educativos, há uma ação que torna aquela atividade dantes prazerosa em mero instrumento de ensino, como por exemplo, a roda de leitura sem uma escolha prévia de livros, apenas com intuito de entreter os alunos por um tempo. Além disso, notamos que o ato de contar e ler as histórias não são uma prática comum em pelo menos duas turmas, exceto uma, pois a professora utiliza uma metodologia mais focada numa educação permeada com ideias em direitos humanistas.

Como explicação para essa limitação da narrativa de histórias baseadas em gêneros textuais como contos e lendas, identificamos a presença de alunos com idade superior à ideal na etapa escolar em questão que podem inibir a atuação do educador neste sentido. O 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I abrange, naturalmente, alunos de nove e dez anos de idade, respectivamente. Entretanto, nosso grupo pesquisado apresenta também discentes entre onze a quatorze anos de idade, isto é, fora da faixa apropriada, e que já estão iniciando a puberdade. Como são pré-adolescentes, o brincar através da imaginação que a contação de histórias propicia, talvez, não é mais tão atrativo para eles. E o que tudo indica é que, ao invés



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

de adequar a proposta de trabalho a essa realidade, as professoras têm preferido suprimi-la do espaço da sala de aula.

Percebemos também precariedade na infraestrutura da escola, além de poucos recursos de brinquedos e espaços de lazer. Afirmamos isto tendo em vista a biblioteca, que mesmo com um acervo significativo não está bem estruturada para proporcionar um espaço prazeroso e aproveitável para o aprendizado. Porém, vale ressaltar que nós entendemos que a ausência destes elementos não impede, efetivamente, a ludicidade no meio escolar, pois como afirma Oliveira (2000, p.10) “o lúdico não está nas coisas, nos brinquedos ou nas técnicas, mas nas crianças ou, melhor dizendo, no homem que as imagina, organiza e constrói”.

Em suma, a ludicidade tem se restringido, na escola, de modo geral, a atividades esportivas na quadra da escola, mas sem uma direção educativa objetiva. Os alunos correm, extravasam suas energias, mas não há uma ação pedagógica que promova a assimilação de conhecimentos, interação dos indivíduos enquanto seres sociais. Afora isso, o profissional que desempenha tal função recreativa não é o professor com formação em educação física e sim, a própria pedagoga e professora de cada turma, o que foi confirmado por elas no questionário respondido.

Apesar da escassez e das dificuldades notadas, ficou evidente que as poucas ações promovidas com aspecto lúdico dentro de sala proporcionam aos alunos envolvidos uma interação significativa para a sua inserção nas relações sociais entre seus iguais e com as professoras, como também contribuem para o seu desenvolvimento cognitivo.

Ademais, as atividades propostas e mediadas por nós bolsistas nas ações de sondagem de escrita e leitura, bem como nas de intervenções para colaborar com o desenvolvimento do aprendizado dos alunos, foram realizadas com ludicidade. Um dos exercícios trabalhados por meio do recurso da brincadeira foi uma sondagem coletiva de nível de aquisição de leitura através de um jogral literário, por meio do qual foi possível promover interação entre os alunos, trabalhar a oralidade e expressão das crianças em conjunto, estimular a criatividade, perceber o grau de leitura e compreensão textual entre outros pontos.

Uma segunda atividade com meios lúdicos foi uma leitura/contação coletiva



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIOGRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

sequencial seguida de um debate aberto e dialético sobre as ideias trazidas pelo texto, mediado pela professora regente e uma das bolsistas. Neste caso, além da interação, da oralidade e do aprimoramento da leitura e aproximação dos sujeitos com o hábito de ler, possibilitou-se que os alunos exercitassem seu poder de argumentação e construção de conceitos para fundar suas ideias. Como também proporcionou a quebra de paradigmas e/ou preconceitos existentes.

CONCLUSÃO

Ao fim da nossa pesquisa constatamos que de fato há poucas atividades com ludicidade desenvolvidas com alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I. E há diversos fatores para isso, dentre eles, o de que as atividades lúdicas estão intimamente ligadas ainda à Educação Infantil. Contudo, como o atual modelo educacional insere a criança cada vez mais cedo no Ensino Fundamental, compreendemos que é importantíssimo que suas características pertencentes à infância sejam preservadas e estimuladas dentro do ambiente escolar para contribuir com uma aprendizagem significativa e eficaz para os alunos.

Wallon (1966, *apud* KISHIMOTO, 2001, p. 10) diz que “o corpo carrega a dimensão de integrar emoções, contatos sociais e relações”. Contudo, temos visto que as nossas práticas sociais cotidianas separam o corpo das demais dimensões. Essa separação remete à concepção de violência simbólica que, na construção social dos sujeitos, relega em segundo plano o ser criança, juntamente com suas características como o brincar, o prazer, a emoção, a parceria, a socialização e a recriação (BIARNÉS, *idem*, *ibidem*, p. 10). Tal concepção confirma a percepção que temos de que, muitas vezes a ludicidade é trabalhada em sala de aula somente como um instrumento qualquer, esvaziado do sentido alegre e prazeroso que carrega em si.

O desafio nas séries de 4º e 5º do Ensino Fundamental está na aplicação do recurso lúdico como ferramenta educacional dinâmica e interativa, e não apenas como simples passatempo por si mesmo. O educador, mais do que a utilização do lúdico, deve ter uma conduta lúdica. Quer dizer, deve estar envolvido afetivamente e sensivelmente em relação ao aluno nesse processo de ensino aprendizagem. E essa percepção também foi possível verificar



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDE DOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

em nosso estudo. Ficou claro que a realização de atividades, sejam elas de debates, leituras e outros, mediados pela ludicidade como ato de brincar e aprender com prazer, possibilitou não só a assimilação dos conteúdos necessários às séries em questão, mas também uma ressignificação do sentido destes conteúdos para o aluno e sua realidade social.

O educador, independente da série que leciona, deve ter em mente que a ação de brincar vai além da brincadeira no sentido de divertimento, mas que direcionada, pode promover avanços importantes para o desenvolvimento do cognitivo e do social de seus aprendizes. Concordamos com o poeta Carlos Drummond de Andrade quando diz que “brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor pra formação do homem”.

REFERÊNCIAS

GEBIEN, Jairo. **Tempos e espaços de brincar no ensino fundamental**. O que dizem as crianças do primeiro e segundo ano. Itajaí: UNIVALI, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **A LDB e as instituições de educação infantil: desafios e perspectivas**. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.4, p.7-14, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. SEB, Secretaria de Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

OLIVEIRA, V.B. (ORG). Introdução In: **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PELLIZZARI, Adriana; KRIEGL, Maria de Lurdes et tal. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel**. Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002.

HARRES, Jaqueline da Silva. O lúdico e a prática pedagógica. In: SANTOS, Santa Marli Pires (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 78-84.

SILVESTRE, Fernanda Mara; FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio; ARAÚJO, Viviam Carvalho. **O papel da brincadeira no ensino fundamental pelo olhar das crianças**. Juiz de Fora, v. 24, p. 285-302, 2010.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2007, vol.22, n.63, pp. 153-155. ISSN 0102-6909. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>> Acesso 14 jun 2014.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.